EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E O MULTICULTURALISMO: OS NOVOS E OS POSSÍVEIS CAMINHOS NA PRÁTICA DA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

INTERCULTURAL EDUCATION AND MULTICULTURALISM: THE NEW AND POSSIBLE WAYS IN THE PRACTICE OF UNIVERSITY TEACHING

Junior César Ferreira de Castro¹

Marlene Luiza Assunção²

RESUMO: O presente artigo discute a educação intercultural e o multiculturalismo no ensino superior e sua relação com a prática docente no contexto da renovação da universidade contra os processos inerentes da globalização e da exclusão social além de refletir sobre alguns métodos que possam ser aplicados no ensino para promover o respeito às diferenças e sustentar um pensamento igualitário entre os agentes envolvidos nesse processo. A fim de discernir um projeto político educacional que visa à formação das identidades culturais, buscamos desenvolver o conceito de multiculturalismo voltado para a busca de respostas a pluralidade cultural e ao desafio quanto aos preconceitos e certos estereótipos marcados pelos conflitos em sala de aula relacionados com as identidades de raça, gênero, religião, etnia e classe social que, na maioria dos casos, dispersam da total integração interétnica. Com isso, centramos na pesquisa qualitativa que detém do conhecimento científico e do método indutivo para compreender esse campo educacional da interculturalidade e do multiculturalismo já que esses processos são capazes de articular as diferentes situações subjetivas, sociais e culturais da educação. Portanto, o trabalho fundamenta-se na argumentação de Pimenta e Anastasiou, Ivani Fazenda, Canen, Torres, Charles Taylor, Candau e Gonçalves que vislumbram a diversidade cultural e o respeito às diferenças como reconstrução dos valores, bem como sobre os novos e possíveis caminhos que o multiculturalismo apresenta a docência universitária.

Palavras-chave: Multiculturalismo. Globalização. Ensino Superior. Diversidade Cultural.

ABSTRACT: This article discusses intercultural education and multiculturalism in higher education and its relationship with teaching practice in the context of university renewal against the inherent processes of globalization and social exclusion, in addition to reflecting on some methods that can be applied in teaching to promote respect for differences and sustain an egalitarian thinking among the agents involved in this process. In order to discern a political educational project that aims at the formation of cultural identities, we seek to develop the concept of multiculturalism aimed at finding answers to cultural plurality and the challenge regarding prejudices and certain stereotypes marked by conflicts in the classroom related to race, gender, religion, ethnicity and social class identities that, in most cases, disperse from total interethnic integration. With this, we focus on qualitative research that

¹ Doutorando em Literatura pela Universidade de Brasília (UNB). Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Especialização em Literatura pela UNIVERSO (Universidade Salgado de Oliveira). Pós-graduação em Linguística pela Universidade de Araraquara (UNIARA). Graduado em Letras Português/Inglês pela UEG (Universidade Estadual de Goiás). Graduado em Pedagogia pelo Centro Universitário Claretiano. Professor Adjunto e Coordenador do Núcleo de Pesquisa (NUPE) da Faculdade de Anicuns. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1747-8425>. E-mail: profjuniorcastro@gmail.com

² Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú e em História pela Universidade Estadual de Goiás. Especialista em Língua Portuguesa (UNIVERSO), Docência Universitária (UEG), Avaliação Institucional (UEG), Gestão Empresarial (Faculdade de Anicuns). Professora na Faculdade de Anicuns. E-mail: mliuzaueg@hotmail.com.

holds scientific knowledge and the inductive method to understand this educational field of interculturality and multiculturalism since these processes are capable of articulating the different subjective, social and cultural situations of education. Therefore, the work is based on the arguments of Pimenta and Anastasiou, Ivani Fazenda, Canen, Torres, Charles Taylor, Candau and Gonçalves who envision cultural diversity and respect for differences such as the reconstruction of values, as well as on new and possible paths that multiculturalism presents university teaching.

Keywords: Multiculturalism. Globalization. University Education. Cultural Diversity.

INTRODUÇÃO

A universidade enquanto instituição social com um princípio orientador da educação para a democracia deve instituir o ensino, a prática do pluralismo cultural em sala de aula, reconhecer e valorizar toda forma de diversidade na sociedade. Sob essas considerações, o presente estudo tem como justificativa investigar e compreender os fundamentos sobre quais discussões acerca do multiculturalismo se edificam na atualidade e verificar quais os novos e possíveis caminhos que se apresentam à docência universitária. Para isso, é bom deixar em evidência que a melhor defesa do multiculturalismo enquanto tema de discussão aqui é aquele proveniente da pluralidade ética acompanhada de seu reconhecimento já que a sua orientação constrói e preserva as diferenças. Quando falamos de reconhecimento estamos querendo dizer que as diferenças étnicas e culturais estão como um novo modelo educativo que garante o respeito e age contra qualquer tipo de hegemonização cultural centrada em apenas um tipo de grupo de pessoas já que o sistema educacional deve visar uma educação multicultural. Com a adoção desse paradigma multiculturalista, buscamos promover um diálogo sobre as práticas docentes como um dos instrumentos imprescindíveis para a transformação do ensino e tentar afastar a ideia de que só os grupos dominantes, devido as suas condições privilegiadas, têm acesso à universidade até porque a educação superior, atualmente, defende a promoção e a deliberação de uma inter-relação entre os diferentes grupos culturais da sociedade.

O artigo tem como proposta fazer uma abordagem do tema multiculturalismo, suas reflexões e práticas no cotidiano do ensino superior. Logo, decorre daí, o sugestivo título “Multiculturalismo: novos e possíveis caminhos na docência universitária” que surgiu após o levantamento das problemáticas que indagam, sobretudo, se a universidade tem cumprido seu papel de oferecer um ensino no sentido de valorizar e reconhecer a pluralidade cultural e, ainda, até que ponto os seus docentes utilizam o multiculturalismo como um novo e possível caminho para o conhecimento e a integração de seus grupos. Para responder as seguintes inquietações, procuramos nos centrar em propostas de intervenção pedagógica que visam alcançar as práticas docentes de superar quaisquer tipos de discriminações étnico-raciais nos mais diversos espaços da vida social do aluno. Com isso, o nosso objetivo é, acima de tudo, traçar um comentário crítico-reflexivo sobre o desafio de aplicar e desenvolver em sala de aula a questão da diversidade cultural e sua interdisciplinaridade com outras disciplinas além de instigar quais estratégias possam ampliar as habilidades e as competências dos discentes para integrá-los as suas potencialidades. Desse modo, o conhecimento passa a construir e a valorizar os conceitos sobre a diversidade cultural, e os acadêmicos, assim como os docentes, passam a tratar as relações étnico-raciais como formas de possibilitá-los ao acesso as informações precisas e diminuir ou mesmo erradicar a desigualdade no espaço educacional quanto no social os quais estão inseridos.

Sob essa perspectiva, de levantar questões e discussões relacionadas com a diversidade cultural no âmbito da universidade, buscamos salientar que o ponto de partida desse estudo se deu a partir de uma visão intercultural crítica uma vez que o conhecimento ocorre na sala de aula com a prática do professor em mediar às informações e destas para a sociedade, pois o saber ultrapassa o ambiente físico para transformar a vida social. Assim, uma formação adequada associada à boa prática metodológica possibilita que todos os envolvidos nesse processo possam superar as barreiras do preconceito. Com efeito, para desenvolver a pesquisa foi necessário recorrer aos teóricos da área a partir de livros e artigos publicados em revistas científicas uma vez que a metodologia aplicada é a de caráter exploratório baseado no método indutivo e em uma pesquisa qualitativa fundamentada em um conhecimento científico por centrar no levantamento bibliográfico que dá suporte as ideias trabalhadas como nas dos autores Vera Maria Candau, Antônio Flávio Moreira, Charles Taylor, Carlos Alberto Torres e Paulo Freire. Estes, por sua vez, trazem como pensamento a formação e a aprendizagem igualitária a partir de um currículo que visa à experiência daquilo que o discente traz para o meio acadêmico, e que a socialização mediada pela prática docente permite mediar conteúdos que os despertem para as novas formas de pensar e agir na sociedade. Portanto, um dos desafios da pesquisa foi de encontrar pensadores que tratem do multiculturalismo na universidade, pois a maioria o referencia na educação e não, especificamente, no ensino superior já que esse é o nosso foco. Logo, daqui em diante, atentar-nos-emos em discutir o multiculturalismo com este olhar voltado, exclusivamente, para as práticas pedagógicas e o envolvimento dos docentes com o próprio tema.

O ENSINO DA DIVERSIDADE E O RESPEITO ÀS DIFERENÇAS CULTURAIS

Discutir a educação intercultural no contexto universitário é de extrema relevância para a valorização da diversidade na sociedade cada vez mais globalizada. No entanto, antes de adentrar a maneira de como a universidade trabalha as diferenças culturais, vamos entender o significado da interculturalidade. Essa palavra se manifesta nas comunidades atuais para se referir às pessoas das mais variadas origens étnicas, línguas e tradições culturais que integram aquilo que Freitas (2012, p. 83-98) chama de multiculturalismo e por visar à diversidade dos valores e das crenças entre os povos, temática esta que deve ser trabalhada com os discentes para demonstrar que eles, como seres sociais, devem integrar a sociedade pela sua respectiva diversidade.

As diferenças culturais estão presentes em todos os lugares, e elas devem fazer parte de qualquer Instituição de Ensino Superior (IES) a partir da prática educativa, de um Projeto Político do Curso e de um Plano de Ensino que visa promover o ensino e a aprendizagem voltados para a integração dos conteúdos e, ao mesmo tempo, para a realidade e a convivência dos alunos a fim de resgatar o respeito mútuo, a tolerância, os direitos humanos e a integração ou a aceitação das diferenças sociais que a sociedade lhe apresenta (BRASIL, 2013). Desse modo, o reconhecimento e a harmonia pelas diversas culturas e raças no ambiente acadêmico são frutos do bom trabalho pedagógico que se deve desenvolver nas salas de aulas e eliminar qualquer tipo de preconceito. Isso significa que os professores, com sua prática metodológica, desenvolvam atividades que não estejam centradas única e, exclusivamente, no conteúdo da ementa, mas saber interligá-los pelo recurso da interdisciplinaridade, pregando a igualdade e a cidadania pelo debate com todo o grupo já que a conscientização dos valores, da etnia, da raça, da língua, da religião e dos vários costumes além de contribuírem com a formação

humana do estudante são temas frequentes das avaliações externas (ENADE) das instituições.

O professor, como mediador do conhecimento e não o de transmissor de informações por um sistema, totalmente, bancário como coloca a teoria freiriana, deve propor estratégias metodológicas que promovam a identidade, a diferença dos grupos sociais e sustentar a inter-relação crítica e solidária. Para Gomes (2019),

as ações pedagógicas voltadas para o cumprimento da Lei nº 10.639/03 e suas formas de regulamentação se colocam nesse campo. A sanção de tal legislação significa uma mudança não só nas práticas e nas políticas, mas também no imaginário pedagógico e na sua relação com o diverso, aqui, neste caso, representado pelo segmento negro da população.

Isso nos demonstra que a educação intercultural só passa a fazer parte da vida do aluno quando o docente, por meio de sua prática pedagógica, desenvolva atividade que valoriza a tolerância e a inclusão para fortalecer os laços entre as culturas para coexistirem e coabitarem em um único ponto, na democracia. Para isso, conforme assegura Duk (2006), é necessário que o educador viva, sente e, se possível, mantenha uma relação com a cultura em que está sendo ensinada, é vincular-se a ela para então adquirir os conhecimentos precisos e mediá-los juntos aos alunos. Em sala de aula, o educador prepara os estudantes para participar, de forma ativa, da sociedade em que estão inseridos, porém não deve levá-los a renunciar o seu mundo, a sua cultura ou identidade, pois, caso isso ocorra, haverá uma espécie de aculturação onde o professor assumirá a figura de um colonizador jesuíta. Além do mais, só existirá educação intercultural quando houver políticas educacionais favoráveis que preparem os agentes da educação para lidar com o interculturalismo e saber aplicá-lo através do processo de ensino e da aprendizagem.

Sob essa perspectiva, a de promover a educação intercultural no ensino superior, é importante ressaltar que a valorização da diversidade está associada com a aprendizagem de todos. O respeito pela multiculturalidade na sociedade atual começa com o desenvolvimento da capacidade de se comunicar e de incentivar a interação social para que a humanidade, dentre as diferenças, se torne única e sem preconceito. A aprendizagem sobre a diversidade cultural, a de gênero, a de opção sexual, bem como a religiosa e a de faixa geracional vem a cada dia ganhando espaço na universidade por meio de palestras e metodologias diversas que despertam a reflexão sobre as diferenças. Buscar o respeito com o outro e extinguir as formas de preconceitos são metas da educação que têm como objetivo mostrar aos seus alunos que a sociedade é composta por diversidade e o cidadão carrega em si uma cultura e seus valores. Entretanto, para isso acontecer, o próprio sistema e as políticas educacionais da educação superior precisam adotar propostas pedagógicas que contrapõem as formas de discriminações, colocando, primeiramente, em seu Projeto Político de Curso o conceito de diversidade e, em seguida, o respeito às diferenças. Assim, todos os agentes envolvidos nesse processo passarão a entender como diversidade tudo aquilo que possui uma qualidade e que é diversa das demais coisas ou sujeitos uma vez que, para Santos (2008, p. 14), passa a ser compreendida como uma entidade não idêntica por se tratar de uma dessemelhança no que diz respeito ao aspecto cultural, religioso e gênero. No que se referem ao âmbito acadêmico, as diferenças se voltam, na maioria dos casos, para os alunos de baixa renda, os de necessidades especiais que não possuem um programa de inclusão específico para recebê-los e, ainda, aqueles de condição étnica, cultural e religiosa já que as ações pedagógicas devem voltar para essa heterogenia e saber valorizar as diferenças de cada um. O respeito às diferenças inicia na própria sala de aula (BRASIL, 2007), demonstrando que o convívio social é à base de todo o processo a fim de acabar com a discriminação e levá-los a pensar sobre as suas atitudes e acreditar que boas práticas são capazes de lidar com o preconceito.

Os atos de conviver com a diversidade para muitos são complexos e desafiadores até porque nem todos aceitam as diferenças, principalmente, a de orientação sexual e de raça. No entanto, discuti-las na educação se torna necessária para demonstrar que o respeito é um dos direitos humanos e a instituição de ensino superior precisa contribuir na promoção tanto da liberdade religiosa quanto da diversidade cultural e de outras para despertar a sensibilidade e a visão crítica de seu corpo discente e não colocá-los cegos diante de um mundo de injustiças onde este é capaz de promover, segundo Fleury (2013), grandes processos de exclusão e de desigualdades. A inclusão somente será possível quando todos valorarem as diferenças e isso ocorre pela adoção de práticas pedagógicas por parte do professor que permitem que os estudantes reconheçam o outro pelos seus conhecimentos, pela sua capacidade de produção, na de ritmo de acordo com suas possibilidades (como no caso dos acadêmicos com necessidades especiais) e não pelo o que trazem de diferentes. Conforme Freitas (2012), a educação e a diversidade caminham juntas pelo fato de se serem ferramentas para a emancipação humana, são conteúdos que incluem o relativismo cultural, os direitos humanos e o direito à diferença além do multiculturalismo e interculturalismo.

Com isso, podemos perceber que os projetos educacionais das universidades públicas e privadas precisam buscar ações que demonstrem que todos são semelhantes mesmo diante das diferenças visto que o respeito é o caminho para a inclusão social. Isso quer dizer que a boa prática educativa, a de ensinar conteúdos interdisciplinares, deve proporcionar uma educação libertária, a mediação de aprendizagem que não visa à diferença como componente padronizado de uma sociedade elitizada, mas sim de buscar a diversidade para integrar todos diante das dificuldades. Se a sociedade contemporânea advém da caracterização das tensões revolucionárias e das rupturas com a sociedade escravocrata e desta que vieram as diferenças de classes sociais e culturais, logo, essa nova comunidade exige a reconstrução constante dos níveis e da importância da educação atual onde a cultura não deve operar sob a continuidade da individualidade, mas de arquitetar os seus sujeitos a uma visão mais coletiva através de princípios dinâmicos que solicitem novas possibilidades de integração. Tais princípios começam na sala de aula por ser o espaço da aprendizagem e que organiza todo esse processo por meio do acesso da informação, pois, segundo Pimenta e Anastasiou (2013), somente a comunicação e o conhecimento são capazes de estruturá-la e erradicar a desigualdade sociocultural. Essa época em que estamos vivendo é a era da informação e da produtividade a qual não admite, mesmo sendo um mundo da globalização, o preconceito como se fosse um desdobramento da escravidão, e o papel da educação superior é preparar os docentes e os discentes com pensamentos cada vez mais autônomos em que o respeito à diversidade se torne o cerne da formação humana. Para que essas ideias sejam visíveis na prática é preciso que a sociedade contemporânea institua uma universidade que defenda uma participação mais ativa dos seus agentes com condições de desenvolvimento cultural, ações que preocupam em efetivar um ensino multicultural o qual possa permitir a cooperação entre todos além de uma conscientização em que não predomina a hegemonia e sim a heterogenia cultural posto que as teorizações pedagógicas devam estar centradas no âmbito do multiculturalismo e não mais em um sistema colonizador europeu.

A educação intercultural pertence a esse processo descolonizador uma vez que, mesmo formado por várias etnias, temos uma cultura multidimensional que institui a identidade de cada grupo e esta deve ser valorizada por todas as políticas educacionais desde o ensino básico até ao superior pela sua integração aos Projetos Políticos Institucionais (PPI). O século XXI redefine o ensino superior como uma instituição educativa integradora ao adotar a pedagogia do saber com modelos formativos que visam àquilo que o aluno traz para dentro da sala de aula, um ensino que deve estar além dos conteúdos prontos já que educação não é um sistema em que se depositam matérias, mas sim um saber que conduz o aprendiz a rever a sua

identidade mediante os desafios dessa nova sociedade pela diversidade cultural. Com isso, estamos dizendo que o movimento da renovação da educação superior e da prática docente precisa se afastar da concepção de um ensino focado apenas na questão técnico-profissional para centrar, ativamente, no ensino humanizado que formam seres pensantes capazes de promover a socialização dado que o mundo contemporâneo se preocupa mais com a mão-de-obra capitalista do que com o próprio ser social. Ivani Fazenda (2011) assegura-nos que os docentes, na maioria das vezes, não se preocupam com a mediação das informações, detendo-se apenas em conteúdos prontos, sistematizadores e organizados ao invés de tomar partido por um ensino interdisciplinar que envolva os discentes nesse processo gerador e que os despertam para o conhecimento científico uma vez que eles não conseguem intermediar o que aprende com a realidade em que estão inseridos. A partir dessa consideração, podemos enxergar a educação como agente transformador quando a universidade e os seus professores forem capazes de ampliar os seus conhecimentos para mediar o multiculturalismo dentro desse contexto globalizado, visando às diferenças culturais como um dos eixos integrantes que inovam o campo educacional e adotem uma prática docente mais reflexiva e não conteudista. Em síntese, que forme seres pensantes que vão ao encontro de qualquer ventania, pois o mais importante é a vida e a cultura até porque é nestes elementos que o educador deve sempre insistir para promover a educação.

O MULTICULTURALISMO NA UNIVERSIDADE E A PRÁTICA DOCENTE

O multiculturalismo vem estimulando reflexões sobre a formação docente e práticas pedagógicas, motivo pelo qual optamos por desvelar o mundo multicultural e descobrir quais são os novos e os possíveis caminhos que se apresentam à docência superior. A partir desse horizonte teórico, lançamos um olhar crítico sobre o multiculturalismo uma vez que as preocupações multiculturais têm contribuído para estimular estudos nessa área. Um viés para essa busca são os estudos relevantes de Candau e Moreira (2008, p.19) que visam caracterizar o multiculturalismo como polissêmico, podendo abarcar desde posturas de reconhecimento da diversidade cultural, passando por visões de assimilação cultural até perspectivas críticas de desafio a estereótipos e a processos de construção das diferenças.

É perceptível que o problema da desigualdade cultural é capaz de gerar separatismos drásticos e ambientes de incompreensão irreconciliáveis, principalmente, porque se vive no mundo atual sob o predomínio da globalização e mundialização da cultura. Na verdade, a ideia da multiculturalidade é, de certa forma, uma resposta à globalização. Segundo Torres (2003, p. 90), ela “tem produzido todos os tipos de implicações para as configurações multiculturais” enquanto “a diversidade cultural é o maior subproduto do crescente processo de globalização econômica, cultural e política”. Avançando um pouco mais na problemática, vale ressaltar que o termo multiculturalismo tem gerado muita discussão e estudo sobre o assunto. Entretanto, ainda é pequena a sua práxis no seio da universidade talvez seja porque esse termo não tenha surgido no contexto acadêmico por se apresentar nas Instituições de Ensino Superior de forma frágil e discreta. Ainda nessa perspectiva, podemos identificar que as unidades educacionais devem mudar algumas de suas práticas já que,

para atingir as metas da diversidade e do multiculturalismo, é preciso que as universidades sejam capazes de atrair os melhores, os mais brilhantes e os mais qualificados professores, e estudantes de graduação e de pós-graduação, que possam explorar no seu ensino, pesquisa e extensão as fronteiras do conhecimento sem

preconceitos, realizando o seu trabalho com criatividade, alegria, entusiasmo e dedicação (TORRES, 2003, p. 91).

Nesse sentido, é preciso que a universidade e seus partícipes pensem em atividades alternativas que valorizem a pluralidade cultural e as diferentes possibilidades dos nossos iguais. Partindo-se do pressuposto de que a universidade é formadora de opinião, vemos nela o caminho para valorizar as mais diversas ideias de diferentes pessoas e que essa questão multicultural se apresenta, sobretudo, na universidade brasileira uma configuração própria, já que o nosso país é miscigenado, e as relações interétnicas têm sido uma constante através de toda a sua história. Conforme o pensamento do autor supracitado, o próprio pensamento de “universidade” cultua esta perspectiva, indicando que o conhecimento não tem pátria porque envolve a natureza da resposta que se dá nos ambientes e arranjos educacionais no que tange as suas teorias, práticas e políticas educacionais. Envolve-se um posicionamento claro a favor da luta contra a opressão que certos grupos, historicamente, têm sido submetidos. Se o multiculturalismo é um jogo de diferenças, a universidade precisa ter bons profissionais para apaziguar as tensões e isso exige que as unidades de ensino focalizem, de maneira mais ampla, no multiculturalismo e nos desafios para o professor do terceiro milênio, sugerindo assim possibilidades pedagógicas que contribuam com o desenvolvimento de uma educação intercultural, pois, para Candau e Moreira (2003, p.16), as escolas sempre tiveram e vão ter dificuldades em lidar com a pluralidade e a diferença pelo fato de que abrir espaços para a diversidade constitui um grande desafio a ser enfrentado. Com isso, percebemos que não só a escola, mas a universidade também tem problemas em lidar com as diferenças e um dos motivos que leva a essa realidade se ampara no fato de que a formação do profissional da educação, muitas das vezes, é marcada por inculcações de preconceitos que corroboram para produzir maiorias invisíveis e silenciadas. A educação, através de suas legislações, prepara-nos para não escutar vozes que vêm sendo, reiteradamente, caladas e assim contribuir para promover um ensino excludente. Os autores confirmam a dificuldade dizendo que o ensino brasileiro está submetido, principalmente, à história das políticas escolares assimilacionistas, discriminatórias e excludentes³.

Sabe-se que o Brasil é um país de muitas raças e de muitas culturas, apresentando uma heterogeneidade notável em sua composição populacional e, às vezes, desconhecido de si mesmo. Historicamente, registra-se dificuldades para lidar com a temática do preconceito e da discriminação racial e étnica. Diante disso, é preciso que o docente universitário não perceba a diversidade cultural como uma ameaça, mas sim como fator de enriquecimento e de novas e diversas possibilidades ao demonstrar que a mistura e a maleabilidade das culturas são fatores positivos de inovação. Todavia, nem sempre as diferenças são aceitas por todos ou valorizadas, aí começa o papel da educação de valorizar todas as raças, as culturas e diferenças seja nas questões de gênero, sexualidade, etnia, identidade entre outras. De acordo com Canen e Oliveira (2002, p.13), se o multiculturalismo pretende contribuir para uma educação valorizadora da diversidade cultural e questionadora das diferenças, logo, “deve superar posturas dogmáticas, que tendem a congelar as identidades e desconhecer as diferenças no interior das próprias diferenças”.

A partir dessa consideração, o multiculturalismo é entendido em seu conceito mais amplo já que um de seus objetivos é contribuir para a educação valorizadora da diversidade e poder alcançar os diversos campos da educação, essencialmente, o ensino superior. Nosso argumento é que deve haver um projeto em que o docente perceba os pressupostos e as implicações deste tipo de trabalho e as finalidades que deseja alcançar. Assim, a perspectiva

³ Ibidem, p. 28.

multicultural que almejamos implica em um diálogo em que sejam estabelecidos os valores éticos, humanos, de preservação a vida e ao respeito à existência do ser humano. Nesse mesmo campo, Paulo Freire (2002, p. 11), célebre estudioso sobre a educação, ressalta que,

é importante que se estabeleça e que se lute por relações horizontalizadas no fazer pedagógico, para que as relações estabelecidas entre professor/a e aluno/a se deem e se firmem por meio do diálogo, por relações permeadas de afeto, respeito, cuidado e embasadas em um sólido compromisso técnico e político do professor/a para com a apropriação de saberes significativos por parte dos alunos/as.

O docente só conseguirá trabalhar os valores que são específicos e particulares de cada grupo se houver algum consenso através do diálogo, respeitando e se fazendo respeitar o outro. Para Taylor (2002, p. 63), “é importante promover processos educacionais que permitam que identifiquemos e desconstruamos nossas suposições e implícitas uma vez que essas suposições implícitas não nos permitem uma aproximação aberta e empática à realidade dos outros”. Isso significa que as práticas multiculturais são construídas na sala de aula e se constituem em ações tanto por parte do docente quando do discente em uma atuação homogeneizadora e antidiscriminatória. O próprio acesso a universidade hoje já apresenta novos e possíveis caminhos que se abrem àqueles que, ao longo do processo histórico, foram tolhidos de seus direitos, pois o sistema de cotas é um exemplo dessas novas possibilidades, mas esse assunto é complexo e abordá-lo em profundidade extrapolaria os limites do presente artigo.

Com tantas mudanças econômicas, sociais e culturais provocadas pelo fenômeno da globalização é impossível uma universidade não falar de multiculturalismo e, principalmente, de não ensinar a multiculturalidade até porque já é hora das instituições saírem de sua zona de conforto e procurar mecanismos para trabalhar em prol das múltiplas culturas uma vez que o nosso país é multicultural e, saber lidar com o diferente, é uma habilidade que precisa fazer parte do universo do educador universitário, sobretudo, porque a nossa história é marcada pelo preconceito e os estereótipos de cor, raça, poder econômico, religião e sexualidade. Diante disso, Paulo Freire (2002, p. 25) afirma que “poucos encontros humanos são isentos de opressão de um ou de outro tipo” e, em virtude da raça, classe ou gênero, as pessoas tendem a serem vítimas ou perpetradoras da opressão, levando ao racismo, sexismo ou a exploração de classe e isso se torna uma forma mais evidente de dominação, mas reconhece também que existe a opressão baseada em crenças religiosas, afiliação política, origem nacional, idade, deficiências físicas e intelectuais. A grande questão é como agir diante dessa realidade que enfrentamos nas universidades já que elas têm dificuldades em acompanhar os novos tempos em razão de o movimento multiculturalista ter surgido no meio social e não no acadêmico, porém isso não pode servir como um empecilho para que o universo do ensino superior dissemine a valorização e o respeito ao diferente. O papel do docente ou da universidade não é de julgar e sim preparar indivíduos críticos e reflexivos, bem como profissionais capacitados para o mundo social e para o mercado de trabalho. Em face de semelhante problemática e, fundamentando-se no pensamento freiriano, vemos que o grande problema da educação está no fato de os professores enfrentam demandas crescentes e de segregação por raça e classe dentro das instituições sem ao menos existirem políticas e ações pedagógicas que visam à conscientização de seu alunado quanto às distinções de gênero e cor já que boas ações e práticas pedagógicas contribuem para esse pacto social.

É perceptível na argumentação do pensador da educação que as instituições educacionais deveriam se empenhar na constituição do pacto social e na construção de um cidadão democrático. Falando em linguagem mais simples, a democracia precisa implicar em um processo de participação em que todos necessitam ser tratados de forma igualitária ou de

respeitar os seus direitos de cidadãos. Portanto, sabemos que as teorias multiculturalistas, tão predominantes no campo educacional nos últimos 20 anos, emergiram como uma resposta particular não só à constituição do sujeito pedagógico e o sujeito político, mas, como afirma Torres (2003, p.196) de ter surgido como maneira de identificar a importância das múltiplas identidades na educação e na cultura. Discute-se, a partir daí, a reforma política do ensino superior brasileiro quanto ao papel social da universidade, ou melhor, a chamada política educacional de igualdade racial para promover a inclusão social e centrá-las em políticas educacionais diferenciadas que priorizavam um discurso universalista e de mérito.

As universidades têm diante de si o desafio de encontrar soluções que respondam à questão das desigualdades raciais no acesso às suas instituições e na permanência nelas e, atualmente, a cultura é percebida como a maior riqueza da humanidade. Assim, podemos dizer que a sua maior riqueza é, realmente, universalizar as culturas de tal forma que todos a percebam sem estereotipá-la e, para cumprir sua tarefa humanista junto com o docente, precisam enfrentar o desafio de mostrar que existem outras culturas além da sua e respeitar ou que façam a serem respeitadas as crenças, costumes e valores. Por isso, a universidade tem que ser local privilegiado da práxis multicultural, precisa conhecer e valorizar a cultura local, mas sem deixar de ser internacional e intercultural. Dessa forma, disseminará o conhecimento a partir da regionalidade e seguir para o conhecimento de outras culturas que acabam agregando a sua através do intercâmbio promovido pelos meios de comunicação e outras formas de informação e aprendizado. Considerando essas premissas e o papel estratégico da educação superior pública e privada é fundamental estabelecer novas políticas que efetivem a expansão do sistema de ensino, garantindo a democratização dos mecanismos de acesso e de permanência à população, historicamente, excluída da educação. Uma dessas possibilidades é a implantação de instituições que visam à inclusão e que permitem dos menos favorecidos ao ensino superior e, após o seu ingresso, criem projetos e políticas sociais e multiculturais que buscam oportunizar a sua permanência além de um ensino mais acessível a todos que queiram dele fazer parte. Diante do que foi exposto, queremos dizer que qualquer universidade deve ter como princípio o respeito à liberdade de pensamento e expressão, bem como a igualdade de oportunidade na participação das atividades de ensino pesquisa e extensão visto que a diferença sociocultural é um dos sustentáculos para uma sociedade democrática marcada pela cidadania e inclusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A universidade é uma das instituições responsáveis pela instauração do processo de respeito e aceitação do multiculturalismo por formar gerações e contribuir para a mudança do quadro de injustiças vigente. Com isso, é de sua competência respeitar matizes culturais e construir identidades, visando à dignidade da pessoa e respeitando as especificidades da herança cultural inclusa na infinita diversidade que constitui a riqueza humana. Sabemos que um dos grandes desafios para o educador multicultural é criar, construir formas e métodos que possam ajudar na compreensão da diversidade cultural formados por negros, índios, europeus, americanos e tantos outros povos que compõem a nação brasileira. Somos herdeiros de um país que recebeu de herança toda uma organização socioeconômica escravista para uma servidão continuada do mercado mundial pela globalização e que, corroborar para a superação dos conflitos que surgem dessa mistura e ajudar na construção da cidadania, não é tarefa fácil ao educador multicultural e muito menos para aquele que ignora ou tenta desconhecer o multiculturalismo. Entretanto, o docente consciente de seu papel revolucionário será o

baluarte da transformação de seus discentes, fazendo-os seres pensantes e responsáveis por suas atitudes, descolonizando mentes a fim de que a cultura seja valorizada e reconhecendo o jeito de ser de cada um.

Procuramo-nos, ao longo deste trabalho, analisar, primeiramente, a diversidade cultural e o respeito às diferenças e, em seguida, o papel da universidade na valorização de que esta diferença é o que faz o país rico em sua cultura, descobrindo que os vários estilos se encontram no mesmo espaço e tempo onde o multicultural fortalece cada um. Por isso, é preciso propiciar, por meio do ensino e da aprendizagem, informações sobre a cultura de nosso patrimônio histórico e o conhecimento da pluralidade étnica, conhecimentos estes que proporcionam o avanço da sociabilidade. Afinal, não se aprende multiculturalismo lendo e ouvindo e sim é preciso vivê-lo na prática, pois, desde os primórdios da humanidade, há uma sobreposição de uma cultura sobre a outra seja pela força física ou psicológica e isso trouxe e traz até hoje consequências lamentáveis à humanidade. A universidade tem uma grande responsabilidade em relação ao desenvolvimento econômico e social do país até porque não cabe a ela apenas formar pessoal para o mercado de trabalho já que a sua missão se dá em três frentes indissociáveis na concepção e na prática que são o ensino, a pesquisa e a extensão à comunidade. O compromisso desse tripé acadêmico é imprescindível em um país que almeja inovação que é movido pela necessidade de competitividade, desenvolvimento econômico, conservação ambiental, diminuição de desigualdades sociais e melhoria da qualidade de vida. Neste cenário, exigem-se respostas e avanços da universidade e ela precisa atender as demandas do mercado, mas sem abandonar a sua responsabilidade, isto é, de estar atenta à marginalização cultural que é consequência da diferença cultural estabelecida pela cultura dita dominante.

O docente universitário precisa se prevenir contra esses eventos, aceitar e conviver com as mais diversas culturas que existem dentro de uma sala de aula. Nesse sentido, a sala de aula é, em primeira e última instância, o local privilegiado para desenvolver as atividades pedagógicas dado que os docentes devem procurar não só se conscientizar como promover relações de aceitação e convívio baseadas em uma prática que seja construída na diversidade, tendo como eixo os valores e práticas culturais dos estudantes e da comunidade na qual está inserida. Dizemos que é um local privilegiado para a prática das mudanças de mentalidade pelo fato de receberem os acadêmicos das mais variadas camadas sociais e poder transformar as diferenças culturais em objeto de estudo além de construir não um simples discente, mas um discente multicultural, pois tanto o docente quanto o acadêmico são as sínteses criativas desses olhares plurais que visam sempre contribuir com a formação de gerações abertas à pluralidade cultural. Ao concluirmos esse trabalho, percebemos que o docente universitário tem a necessidade de desenvolver suas habilidades aliada às diversas culturas, lembrando que só assim podem formar cidadãos conscientes. Além disso, é dessa forma que contribuem para a construção de uma universidade plural e cidadã, desenvolvendo um importante trabalho de divulgação dos valores culturais com realização de pesquisa e extensão que supram as lacunas históricas do ensino brasileiro.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SE-

CAD/MEC). **Gênero e Diversidade Sexual na Escola**: reconhecer diferenças e superar preconceitos. Caderno 5. Brasília, 2007

_____. **Educação em Direitos Humanos**: Diretrizes Nacionais – Brasília: Coordenação Geral de Educação em Sdh/Pr, Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, 2013.

CANEAU, Vera Maria; MOREIRA Antônio Flávio. **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: vozes, 2008.

_____. **Sociedade Educação e Cultura**: questões e respostas. Petrópolis: Vozes, 2002.

CANEN, A. **Multiculturalismo e Formação Docente**: experiências narradas. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 24, 1999.

DUK, Cynthia. Escuela Rural. Histórias de Microcentros. Gobierno de Chile. Ministerio de Educación In: **Educar na diversidade: material de formação docente**. 3. ed. Brasília: MEC, SEESP, 2006.

FAZENDA, Ivani. et al. Interdisciplinaridade: definição, projeto, pesquisa. In: _____. **Práticas Interdisciplinares na escola**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 15-18.

FLEURI, Reinaldo Matias (Org.). **Diversidade religiosa e direitos humanos**: conhecer, respeitar e conviver. Blumenau: Edifurb, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREITAS, Fátima e Silva. **A diversidade cultural como prática na educação**. Curitiba: Editora InterSaberes, 2012.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, relações étnico-raciais e a Lei 10.639/03**. Disponível em: <http://antigo.acordacultura.org.br/artigo-25-08-2011>. Acesso em: 28 abr. 2020.

GONÇALVES, L. A. O; SILVA, P. B. G. **O jogo das diferenças**: o multiculturalismo e seus contextos. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. **Docência do Ensino Superior**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2013, p. 100-166.

SANTOS, Ivone Aparecida dos. **Educação para a Diversidade**: uma prática a ser construída na Educação Básica. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2346-6.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2020.

TAYLOR, Charles. **Multiculturalismo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

TORRES, Carlos Alberto (Org.). **Teoria, Crítica e Sociologia: Política da Educação**. Tradução Maria José do Amaral Ferreira. Instituto Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Democracia Educação e Multiculturalismo: Dilemas da Cidadania em um Mundo Globalizado**. Petrópolis: Vozes, 2001.